

O POSSÍVEL METAFÓRICO SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

Matheus Henrique Gomes Monteiro¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de discutir o conceito de possível metafórico e suas ocorrências na filosofia de Tomás de Aquino. Primeiro, apresenta os aspectos gerais do que é “ser possível”, considerando a obra tomasiana como um todo. Segundo, situa o possível metafórico, analisando as informações dadas pelo filósofo para definir o conceito. Ao longo do artigo até a conclusão, apresentam-se questões a serem desenvolvidas, posteriormente, por pesquisadores da área, como parte da presente discussão.

Palavras-chave: possível, metáfora, matemática, Filosofia Medieval.

ABSTRACT: This paper discusses the concept of metaphorical possible and its developments in the philosophy of Thomas Aquinas. Firstly, I show the main aspects of what means “to be possible” in Aquinas’ philosophical system, by considering the thomasic *opera* as a whole. Secondly, I locate the metaphorical possible in the divisions of being possible, by analyzing the elements given by the philosopher in order to define the concept. In the paper, specially at the end, I suggest some questions to be developed by colleagues and other scholars, based on the discussion started.

Keywords: possible, metaphor, mathematics, Medieval Philosophy.

Na discussão sobre o que Deus pode fazer e o que pode ser feito, Tomás de Aquino distinguiu vários modos de dizer “ser possível”, entre eles o possível metafórico. Nos diversos textos em que o conceito aparece, o filósofo, ele mesmo, não o desenvolve muito, com a justificativa de que, para tratar dos problemas concernentes ao poder de Deus, o possível metafórico “foge ao assunto”. Há inclusive textos voltados ao debate sobre o que é possível, por exemplo *Sobre a eternidade do mundo*, de 1271, em que o possível metafórico nem mesmo é mencionado. Muitos comentadores que se dedicaram a estudar esses temas reconhecem que o filósofo distingue um modo de dizer “ser possível” metaforicamente e até dão a ele uma vaga definição; porém, nenhum deles aprofundou a reflexão sobre o seu significado, nem pretendeu compreender a razão por que Tomás de Aquino o pôs de lado em tantos debates e sem maiores explicações².

¹ Doutorando em filosofia pela Unicamp/CAPES; e-mail: Mhgmonteiro@gmail.com

² Smith (1943), Dewan (1974), Wippel (1981, p. 26), Veldhuijsen (1990, p. 31), Wilks (1994), Storlarski (2001, p. 97), Storck (2003). Estes autores mencionam o possível metafórico, porém não se concentram em

Neste artigo, pretende-se apresentar os aspectos gerais do que Tomás de Aquino discute sobre o “ser possível” e, com base neles, situar o possível metafórico em sua filosofia. Por meio desse trabalho, espera-se despertar nos estudiosos do pensamento tomasiano o interesse pelo tema e considerar as questões que ele suscita no prosseguimento das suas investigações³.

Nas questões *Sobre a potência de Deus*, quando discute sobre o poder divino e o que pode ser feito, o filósofo faz menções breves ao conceito de possível metafórico; contudo, ele desenvolve-o com mais detalhe no *Comentário à Metafísica*, nas partes sobre os modos de dizer possível. Em resumo, Tomás de Aquino diz que o possível metafórico é segundo nenhuma potência e, por isso, é dito possível metaforicamente e em sentido equívoco. Além disso, diz que ele pertence ao domínio da matemática (aritmética e geometria) e que ele é uma potência racional e uma potência matemática⁴. Para haver melhor compreensão sobre o significado de cada um desses pontos, é necessário voltar-se para a doutrina geral a respeito do “ser possível”, em Tomás de Aquino.

Em filosofia, Tomás de Aquino reserva um importante papel para a ação de dizer (*dicere*), o que é evidente na grande ocorrência desse verbo na articulação dos argumentos. O recurso à fala, na qual ele supõe as intenções entre apreensão, inteligência e comunicação, situa o debate sobre o possível e a possibilidade nos diversos âmbitos do discurso⁵.

Em geral, o nome *possível* (*possibilis* ou *possibile*) pode significar os entes corpóreos contingentes, os quais podem ser ou não ser segundo a mudança, isto é, podem ser de um modo agora e de outro depois (alteração, aumento e diminuição), ou podem vir a ser (geração) ou deixar de ser (corrupção); além desses, há os entes criados, inclusive

esclarecê-lo. Há ainda os que abordam questões relativas ao possível na filosofia de Tomás de Aquino, porém não mencionam o possível metafórico. Por fim, há alguma bibliografia sobre a metáfora na filosofia tomasiana, porém circunscrita ao seu uso na teologia. De fato, ainda não encontrei pesquisadores interessados em estudar o possível metafórico no âmbito da matemática, onde ele é situado por Tomás de Aquino. Espero que este artigo seja um incentivo para pesquisas sobre o assunto.

³ Uma das questões que precisam ser esclarecidas é se o possível metafórico era, de fato, um conceito que Tomás de Aquino integrava ao seu pensamento ou se ele era um conceito de Aristóteles, presente na *Metafísica*, o qual, devido à empresa de comentar a obra do estagirita, Tomás de Aquino teve de explicar e ao qual fez referências pontuais em debates ulteriores, até que não visse mais justificativa para ele, em sua própria filosofia. De todo modo, para enfrentar essa questão, antes é necessário fazer o levantamento das ocorrências do conceito na filosofia tomasiana e analisar qual é o seu papel local (no texto em que está presente) e também o global, no pensamento do filósofo como um todo — etapa que este artigo se propõe a começar.

⁴ A síntese apresentada tem por base as passagens *Sobre a potência* q. 1, a. 3, resp; q. 3, a. 14, resp.; *Comentário à Metafísica* V, l. 14; IX, l. 1.

⁵ De Grijs (1990, p. 5–6) observa o mesmo, de modo especial com respeito ao opúsculo *Sobre a eternidade do mundo*.

os corpos celestes e os anjos, cuja essência e ato de ser dependem da ação criadora de Deus; por fim, os possíveis não-criados, que podem ser algum verbo mental que o ser humano supõe ao raciocinar sobre a onipotência de Deus e que este conhece estar em seu poder fazer, embora (por assim dizer) não os tenha feito nem venha a fazer.

No âmbito da lógica, esses significados estão implicados na locução *ser possível* (*esse possibile*), segundo a qual Tomás de Aquino distingue entre um modo da verdade e um modo de ser. A primeira alternativa é o modal que, modificando a cópula entre o termo-sujeito e o termo-predicado, significa que o contrário do que é enunciado também pode ser verdadeiro⁶. A segunda alternativa é, na realidade, um ente que é em potência sob determinado aspecto⁷ e, na inteligência, um conceito que tem *ratio possibilis*, ou *possibilitas*, que é um princípio explicativo da possibilidade no conceito, do por que o possível é possível sob o aspecto considerado⁸. O possível tem uma *ratio possibilis* quando é considerado segundo alguma potência e outra quando é considerado segundo nenhuma potência⁹.

No primeiro caso, o *ser possível* significa o objeto de uma potência. Para melhor entender isso, pode-se recorrer à abordagem de Tomás de Aquino nos *Escritos sobre as Sentenças* I, q. 42, q. 2, a. 2, resp., segundo a qual o verbo *poder*, cujo formato nominal é *potência*, divide-se em potente e possível. Essa divisão é simétrica àquela entre agente e paciente e àquela entre causa e efeito. Como o que é em ato age sobre o que é em potência, resultando em um efeito em ato, tal que o primeiro (em ato) seja sua causa eficiente e o segundo (em potência) sua causa material, assim também a potência do agente é ativa e princípio de ação sobre outro enquanto outro, e a potência do paciente é passiva e princípio de sofrer ação de outro. Porque o ser em ato no agente é anterior ao ser em potência no paciente, a potência se diz, primeira e propriamente, da potência ativa e, por analogia, da potência passiva¹⁰.

⁶ No âmbito da lógica, o modal *ser possível* modifica as sentenças sob as formas gerais S é P ou S não é P, significando que o contrário do que elas enunciam pode ser verdadeiro. Ele é unilateral, quando se opõe apenas a *ser impossível*, ou é bilateral, quando se opõe a *ser necessário* e a *ser impossível*. Cf. Aristóteles. *Sobre a interpretação*. II, 21a34–23a23. Tomás de Aquino. *Comentário à Metafísica* V, l. 14; IX, l. 1. Ver também KNUUTTILA, 1988, p. 342–81.

⁷ Nesse caso, há uma potência correspondente ao ato primeiro, que é a forma, e outra correspondente ao ato segundo, que é a operação. A primeira potência é chamada de potência passiva, e a segunda de potência ativa. Cf. *Sobre a potência de Deus* q. 1, a. 1, resp.

⁸ Cf. *Escritos sobre as Sentenças* I, q. 42, q. 2, a. 2, resp.

⁹ Cf. *Escritos sobre as Sentenças* I, d. 42, q. 1, a. 1; *Suma contra os gentios* II, c. 6; *Sobre a potência* q. 1, a. 3, resp. e q. 3, a. 14, resp.; *Suma de teologia* Ia, q. 9, a. 2, resp.; *Comentário à Metafísica* V, l. 14 e IX, l. 1; *Comentário a Sobre o céu* I, l. 25.

¹⁰ No *Comentário à Metafísica* IX, l. 1, Tomás de Aquino explica sobre a potência passiva que: “Possíveis

Por sua vez, o possível corresponde ao efeito em potência que se encontra na potência ativa do agente; mais precisamente, ele é o objeto da potência. Assim, quando o possível é considerado numa ordem com respeito à potência¹¹, sua *ratio possibilis* é a *ratio* do ato pelo qual a causa produz seu efeito¹². Por exemplo, o inflamável é objeto da potência ativa do fogo e, por parte desse ser em ato, sua *ratio possibilis* é o quente, da ação de queimar. Porém, tratando-se de movimento, para produzir um efeito, é necessária a matéria, o paciente. Dessa maneira, em segundo lugar, o possível tem *ratio possibilis* pela causa material, que é a potência passiva¹³

No segundo caso, quando o *ser possível* é considerado segundo nenhuma potência¹⁴, ele é separado desse conceito e é chamado equivocadamente de “possível”. Nesse sentido, ou o possível é absoluto, pois não é autocontraditório e pode ter *ratio entis* ou *ratio non entis*, isto é, pode-se dizer que “isso é de algum modo” ou que “isso não é de algum modo”¹⁵, ou ele é metafórico, devido a certa semelhança, e aplica-se a um objeto da ciência matemática (aritmética ou geometria).

Porém outros se dizem possíveis ou potência, não por algum princípio que tenham em si, e deles a potência se diz equivocadamente. [...] Pois nesses a potência se diz não por algum princípio que tenham, porém por certa semelhança, assim como nas [figuras] geométricas¹⁶.

e impossíveis dizem-se, com efeito, desses que têm em si mesmos algum princípio, e isso segundo certos modos, segundo os quais as potências se dizem não equivocadamente, mas sim analogamente”; pouco mais adiante, ele prossegue, mostrando a redução das potências à potência ativa: “Portanto, deve-se fazer consideração sobre as potências, que se reduzem a uma espécie, pois qualquer uma delas é certo princípio e todas as potências se dizem reduzidas a algum princípio, do qual se dizem todas as outras. E esse é o princípio ativo, que é o princípio de ação de mudança sobre outro, enquanto é outro”.

¹¹ Cf. *Escritos sobre as Sentenças* I, q. 42, q. 2, a. 3, resp.

¹² “A cada potência ativa corresponde um possível como seu objeto próprio, segundo o princípio (*rationem*) daquele ato em que se funda a potência ativa.” (*Suma de teologia* Ia, q. 25, a. 3, resp.).

¹³ Pois algo é uma potência passiva, porque está em potência para sofrer ação de um outro que está em ato. A sua passividade não é explicada pela potência ativa. Algo pode sofrer ação de outro, pois é em potência. No entanto, a sua passividade não é aberta a qualquer ação, mas a determinada ação de certa potência ativa. Essa restrição explica-se pela *ratio* do ato no qual se baseia a potência ativa, a mesma *ratio* que também delimita o objeto dessa potência. Cf. *Comentário à Metafísica* IX, l. 1.

¹⁴ “Quando se diz que algo é possível, não segundo alguma potência, [isso se diz] ou metaforicamente [...] ou absolutamente.” (*Sobre a potência de Deus* q. 3, a. 14).

¹⁵ Cf. *Comentário à Metafísica* V, l. 14; IX, l. 1. *Escritos sobre as Sentenças* I, q. 42, q. 2, a. 2. Nesse parágrafo, para efeito de sistematização, não considero o problema dos possíveis não-criados, pois, ao considerá-los, deve-se acrescentar à ausência de contradição em si próprio e à enunciabilidade, já explicadas, a *ratio* de poder ser um verbo mental (conceptibilidade). Os possíveis não-criados não são conceitos com essência presente e delimitada na inteligência humana, mas são uma suposição, na medida em que o ser humano raciocina sobre a onipotência de Deus. Dizer que eles têm a *ratio* de conceptibilidade se deve à consideração de que, embora não sejam um conceito na inteligência humana, eles são alguma idéia na inteligência divina, que vê em seu poder tudo o que pode fazer. Devolvo mais detalhadamente esse assunto em MONTEIRO, 2014.

¹⁶ *Comentário à Metafísica* IX, l. 1. As traduções dos textos de Tomás de Aquino são feitas por mim: o *Comentário à Metafísica* com base na edição do texto latino Parma, t. 20, 1871; o *Sobre a potência de Deus*

Em última análise, todo possível é um possível absoluto, que deve satisfazer a condição de não ser autocontraditório e de poder ter *ratio entis* ou *ratio non entis*. Esse possível pode ser considerado em si, segundo a *ratio possibilis* da ausência de contradição em si próprio e da enunciabilidade, ou pode ser considerado numa ordem com respeito a uma potência ou causa, segundo a *ratio possibilis* da potência passiva ou da potência ativa¹⁷.

Diante desse quadro geral, é preciso reconhecer duas dificuldades. A primeira delas concerne a situação do possível metafórico dentro da divisão geral sobre o *ser possível*, que foi exposta anteriormente.

Em *Sobre a potência* q. 3, a. 14, resp., o possível metafórico é considerado segundo nenhuma potência. Todavia, em uma parte anterior, q. 1, a. 3, resp., Tomás de Aquino não o põe dentro da divisão “segundo nenhuma potência”, mas apresenta-o como um terceiro modo de dizer o possível.

Segundo o filósofo, Aristóteles, possível e impossível se dizem de três modos. De um modo, segundo alguma potência ativa ou passiva, assim se diz que é possível para o homem andar segundo a potência locomotiva, porém que é impossível para ele voar. De outro modo, não segundo alguma potência, porém segundo si mesmo, assim como dizemos que o possível é o que não é impossível de ser e que o impossível é o que é necessário não ser. Do terceiro modo, o possível se diz segundo a potência matemática, que está nas [figuras] geométricas [...].

Após a leitura, fica a questão: afinal, o possível metafórico tem, ou não tem, uma *ratio possibilis* de alguma potência? Como todo possível, o possível metafórico é um conceito que tem *ratio possibilis* e, para efeito lógico, no mínimo, esta deve ser a ausência de contradição em si próprio e a enunciabilidade¹⁸. Nos exemplos dados por Tomás de Aquino, o possível metafórico significa números e figuras geométricas, que são abstrações do numerável e do volume pertencentes à forma quantitativa nos corpos. Eles dependem dos corpos para ser, mas não dependem deles para serem conhecidos e definidos. Na matemática, os números e as figuras geométricas não têm ser em potência igual os corpos, não se movem, nem são gerados, nem se corrompem como os corpos,

com base na edição Parma, t. 8, 1856; a *Suma de teologia* com base na edição Leonina, t. 4, 1888; e a *Suma contra os gentios* com base na edição Leonina, t. 13, 1918.

¹⁷ Cf. *Escritos sobre as Sentenças* I, q. 42, q. 2, a. 3, resp.

¹⁸ Uma das conseqüências disso é que o possível metafórico não pode pertencer ao discurso poético que admite a contradição, na forma de paradoxos e oximoros, por exemplo. Esta pode ser uma razão forte para depois delimitar o possível metafórico no âmbito da matemática.

pois não têm matéria sensível¹⁹.

Assim, eles não são objeto de uma potência fora da alma humana, mas, enquanto conceitos, eles são objetos da inteligência (potência da alma) e são objetos de uma ciência, a matemática. Do primeiro modo, eles são inteligíveis, pois podem ser conhecidos. Do segundo modo, eles são matematizáveis, pois podem ser explicados pelos princípios matemáticos.

Entretanto, em nada disso se manifesta em que consiste a metáfora, muito menos sua aplicação aos casos em que a linha é potência do comensurável²⁰ e em que números e figuras, multiplicados por eles mesmos, podem fazer um quadrado²¹, ao que Tomás de Aquino chama de potência matemática, e o que parece equivalente a elevar um número ao quadrado, na matemática atual.

Para esclarecer esses pontos, deve-se proceder à segunda dificuldade, que diz respeito à diferença entre metáfora e analogia²². Nessa dificuldade, é necessário recordar-se de que o possível se diz segundo alguma potência ou segundo nenhuma potência, e que na primeira consideração a palavra *potência* se diz, primeira e propriamente, da potência ativa e, por analogia, da potência passiva; mas na segunda consideração essa palavra se diz equivocadamente do possível metafórico e do possível absoluto, pois não há neles princípio de agir nem de sofrer ação.

Embora Owens (1962, p. 310, n. 28) reconheça que, na letra do texto, Tomás de Aquino exclua a metáfora como uma forma de analogia, ele defende que, além da literalidade, “de um ponto de vista filosófico, portanto, não é necessária qualquer hesitação em ver a metáfora como um tipo de analogia”, pois, tal como o pensador entende, “[...] Na metáfora, o sentido de um termo é transferido para outro, com base na analogia”. Stolarski (2001, p. 97) também entende que “metaforicamente” é um tipo de analogia.

Ao menos, esse entendimento parece estar em sintonia com o pensamento de

¹⁹ Cf. *Comentário a Sobre a Trindade de Boécio* q. 5, a. 1, resp.

²⁰ “[...] se diz possível segundo potência matemática, que está entre as geometrias, porque a linha é dita potência do comensurável, pois o quadrado dela é comensurável.” (*Sobre a potência* q. 1, a. 3, resp.).

²¹ Cf. *Comentário à Metafísica* V, l. 14 e IX, l. 1.

²² Na filosofia de Tomás de Aquino, a analogia é um dos conceitos mais centrais e também um dos mais controversos. Neste artigo, não o desenvolverei em detalhes, embora reconheça a sua importância para a discussão por vir. Contudo, o debate entre os comentaristas sobre o assunto permite trabalhar minimamente com as definições presentes em *Escritos sobre as Sentenças* I, d. 19, q. 5, a. 2, ad 1, e em *Sobre a verdade* q. 2, a. 11, a saber, a distinção entre a analogia de proporção e a analogia de proporcionalidade. Tanto uma quanto outra, no emprego da palavra na sentença, têm a intenção de abranger entre univocidade até a completa equivocidade. Enquanto houver alguma proporção entre as palavras, há alguma analogia entre elas. Cf. OWENS, 1962. Ver também ELDERS, 2009, p. 53–75.

Aristóteles, em *Poética*, 21, 1457b16–30²³. Nessa obra, o estagirita distingue quatro empregos para a metáfora: quando há transferência de “um nome alheio” do gênero para a espécie; ou quando há da espécie para o gênero; ou quando há de uma espécie para outra; ou, por fim, quando há por via de analogia. No último caso, entende que há duas proporções, uma de um termo *a* com um termo *b*, e outra de um termo *c* com um termo *d*.²⁴

$$\frac{a}{b} \text{ — } \frac{c}{d}$$

Segundo Aristóteles, o poeta pode ver, senão uma identidade, ao menos uma semelhança entre as proporções e, então, substituir *a* por *c* ou *b* por *d*. O termo *a* e o termo *c* não são necessariamente da mesma espécie nem do mesmo gênero. Eles se assemelham um ao outro em razão da relação que mantêm com os outros termos, *b* e *d*, os quais também não pertencem necessariamente às mesmas categorias. O exemplo dado por Aristóteles é:

$$\frac{\text{dia}}{\text{tarde}} \text{ — } \frac{\text{vida}}{\text{velhice}}$$

Na metáfora por via da analogia, tem-se que “A tarde é a velhice do dia” ou “A velhice é a tarde da vida”. Sobre sentenças como essas, cabe ressaltar que, em *Sobre a interpretação* 4, 17a1–6, Aristóteles diz claramente que o discurso poético não é declarativo, pois não afirma nem nega segundo o verdadeiro ou o falso.

Porém, o problema é que não há indícios de que Tomás de Aquino tivesse acesso à *Poética*, senão por meio de fragmentos reproduzidos ou comentários indiretos feitos em textos dos filósofos árabes, traduzidos para o latim. A *Poética* só ganharia publicação em grego e versão latina a partir do século XVI²⁵.

Contudo, a falta de acesso à *Poética* não impediu que Tomás de Aquino

²³ Baseio-me nas traduções para o português de Eudoro de Sousa (2003) e de Jaime Bruna (2014).

²⁴ Há ainda um outro modo de metáfora por via de analogia, quando o poeta nega um dos nomes alheios. Um exemplo dado por Aristóteles é a taça de Dioniso e o escudo de Ares. Em vez de declarar que “A taça de Dioniso não é o escudo de Ares”, o poeta pode dizer “O escudo de Ares é taça sem vinho”. Entendo que esse modo de metáfora não contribui para a discussão adiante, por isso não o desenvolvi no corpo do texto.

²⁵ As primeiras edições em grego dos livros *Retórica* e *Poética* foram publicadas por Aldo Manúcio em 1508, em Veneza. Há também vários estudos sobre a publicação das obras de Aristóteles e dos comentadores antigos nos séculos XV e XVI, entre os quais recomendo: KRAYE, 2002, p. 189–211; e SELLARS, 2004, p. 239–68.

desenvolvesse um conceito de metáfora bastante semelhante ao de Aristóteles. Aquino não dedicou à metáfora uma questão ou um livro, porém abordou-a sucintamente em outras discussões, como em *Suma de teologia* Ia, q. 1, a. 9, a respeito do seu uso na interpretação da Sagrada Escritura: “a poética [fala] por metáforas por causa da representação, pois esta é naturalmente delectável para o homem”²⁶.

Na metáfora, os termos tornam presente ao intelecto um conceito sob uma imagem próxima da experiência — uma representação. Nesse sentido, a metáfora é equívoca, pois os termos que são empregados nas sentenças não têm o sentido próprio, segundo o qual, nas diversas ciências teoréticas, referem-se às coisas (*res*), mas eles são apresentados em um sentido diverso, atrelado à imagem que representam na imaginação. Conseqüentemente, a metáfora é indiferente para o discurso declarativo, porque ela “não afirma sobre a coisa, mas somente sobre a imaginação”²⁷.

Por exemplo, nos debates sobre a criação e a duração do mundo, Tomás de Aquino enfrenta vários argumentos de adversários, e os problemas que eles apresentam a respeito do tempo e do lugar, recorrendo à metáfora²⁸. Aquino diz que, nos dois casos, do tempo e do lugar, a imaginação pode acrescentar alguma medida à coisa existente²⁹. Esse recurso é usado pelo filósofo na discussão sobre o sentido de “acima de”, no contexto da última esfera celeste — cabe recordar-se de que a cosmologia tomasiana, assim como a aristotélica, afirmava a existência de um universo finito, constituído de esferas cristalinas concêntricas, fora das quais nada existiria. Contudo, com base na metáfora, Tomás de Aquino argumenta:

Assim, quando se diz que não há nada acima do céu, o acima designa um lugar imaginado, enquanto possa se imaginar outras dimensões sobrepostas às dimensões dos corpos celestes³⁰.

Ademais, na discussão sobre a criação, Tomás de Aquino diz que *post* (depois) em “*creatum habere esse post non esse*” não significa a sucessão própria do movimento, segundo o antes e o depois. A criação é uma operação divina, que é realizada da eternidade. O próprio tempo, segundo o qual se diz o antes, o agora e o depois, é criado por Deus. Não obstante, segundo a metáfora, diz-se que a criação é a mudança pela qual Deus produz o

²⁶ “*poetica autem metaphoris propter representationem: repraesentatio enim naturaliter homini delectabilis est*”.

²⁷ “*non ponit [...] in re, sed solum in imaginatione*” (*Suma contra os gentios* II, c. 36).

²⁸ Cf. *Suma de teologia* Ia, q. 46, a. 1, ad 8.

²⁹ *Suma contra os gentios* II, c. 36.

³⁰ *Suma de teologia* Ia, q. 46, a. 1, ad 8.

mundo, do não-ser para o ser³¹. Em *Suma de teologia* Ia, q. 45, a. 2, ad 2, o filósofo atribui enunciados como esse ao modo humano de conhecer.

Na passagem da *Suma de teologia* em que fala sobre o uso da metáfora na teologia, Tomás de Aquino explica que a metáfora toma um conceito que é abstrato, um conceito que seja difícil de ser compreendido, e torna-o presente à inteligência sob alguma imagem, que é mais fácil de ser conhecida porque é mais próxima da experiência. Esse conceito sob a imagem, embora se torne mais fácil, fica mais confuso também, pois aquilo a que ele refere não é o mesmo que a imagem significa originalmente. Nesse sentido, ele precisa ser reelaborado, considerando-se aquilo que o difere da imagem (o que ele não é), bem como o seu grau de abstração.

Dessa exposição geral, e certamente insuficiente, a respeito da metáfora, ao menos se pode notar que o desenvolvimento tomasiano desse conceito aproxima-se em vários pontos da definição aristotélica, mas não o bastante para incluir a metáfora na analogia. Na filosofia de Tomás de Aquino, enquanto a analogia corresponde ao uso das palavras no âmbito factual e real, no discurso verdadeiro ou falso, a metáfora corresponde ao uso delas no âmbito fictício e imaginário, no discurso verossímil. Não obstante, Aquino está à vontade para empregar a metáfora como um auxílio nos raciocínios, por exemplo fazendo comparações didáticas ou dando inteligibilidade a uma suposição irreal (o momento antes do tempo, o lugar fora do mundo).

Após considerar essas dificuldades, fica mais claro o que Tomás de Aquino explica nos textos a seguir:

[Aristóteles] diz que, na geometria, a potência se diz segundo metáfora. Na geometria, a potência da linha se diz quadrado da linha por meio desta semelhança: porque, como disto que é em potência se faz aquilo que é em ato, assim de uma linha multiplicada por si mesma resulta o quadrado dela; assim também se disséssemos que o três é possível no nove, porque o nove se segue de três multiplicado por si mesmo. Pois três vezes três são nove. Porém, como o impossível tomado do segundo modo não se diz segundo alguma impotência, assim também os modos de possível afirmados por último [o possível metafórico e o possível absoluto] não se dizem segundo alguma potência, mas segundo semelhança ou segundo modo de verdadeiro ou falso.³²

Porém outros se dizem possíveis ou potência, não por algum princípio que tenham em si, e deles a potência se diz equivocadamente. [...] Pois nessas a potência se diz não por algum princípio que tenham, porém por certa semelhança, assim como nas [figuras] geométricas. Pois é dito que

³¹ Cf. *Suma contra os gentios* II, c. 37.

³² *Comentário à Metafísica* V, l. 14.

a potência de alguma linha é o quadrado dela e é dito que a linha é possível em seu quadrado. De modo semelhante, pode-se dizer nos números, que o três é possível no nove, que é o quadrado de três, pois do três multiplicado por si mesmo se faz o nove. Pois três vezes três fazem nove. Também da linha, que é a raiz do quadrado, multiplicada por si mesma se faz um quadrado. Entre os números é semelhante. Daí que a raiz do quadrado tem alguma semelhança com a matéria, da qual se faz uma coisa. Por isso, também, por alguma semelhança, diz-se potente no quadrado, assim como se diz a matéria potente na coisa.³³

Os exemplos do possível metafórico são de potenciação: o número, ou a linha, que é multiplicado por si mesmo e resulta no quadrado; e inversamente, de radiciação: o número, ou linha, que é raiz quadrada. Nos textos reproduzidos, Tomás de Aquino faz duas declarações fundamentais:

- 1) “A raiz do quadrado tem alguma semelhança com a matéria.”
- 2) “Como do que é em potência se faz o que é em ato,
assim da multiplicação da linha (ou do número) por ela mesma resulta o quadrado.”

De acordo com essas declarações, o possível metafórico tem *ratio possibilis* na semelhança com a matéria. Não se trata da potência passiva, nem da potência intelectual, nem de um princípio matemático, mas da semelhança entre duas proporções: um número, ou linha, proporcional a outro; e a matéria, ou ser em potência, proporcional a uma coisa, ou ser em ato.

$$\frac{\text{número/linha}}{\text{quadrado}} \quad \text{—} \quad \frac{\text{matéria/ser em potência}}{\text{coisa/ser em ato}}$$

De um lado, número, linha, quadrado não têm matéria sensível e são objetos da ciência matemática. De outro lado, matéria, coisa, ser em potência, ser em ato podem referir-se ao âmbito da física ou ao dos singulares, incluindo a matéria sensível ou a matéria sinalada, além do movimento. Também a proporção que é multiplicação do número, ou linha, por ele mesmo não é igual, nem se relaciona a algo comum, à proporção que é passagem da potência para o ato, no movimento. Fica evidente que a *potência* que significa a multiplicação de número e figuras é dita equivocadamente, em comparação à *potência* que significa a matéria (potência passiva) por analogia à potência ativa.

Contudo, há ainda uma semelhança e uma transferência pela metáfora. Diz-se que “a coisa é feita da matéria”, *materia ex qua fit res*; também se diz que “o quadrado

³³ *Comentário à Metafísica IX*, l. 1.

é feito da linha” e que “9 é feito de 3”, pois tanto a linha quanto o número 3 são tomados e postos sob uma operação da inteligência que resulta em um quadrado, ou no número 9. Assim, *ex ductu ternarii in seipsum facit nouenarium*, ou seja, três vezes três resulta em nove³⁴. O emprego da preposição *ex* (de) e do verbo *facere* (fazer) sugere uma semelhança entre o que está no âmbito da física e o que está no âmbito da matemática, porém, como foi analisado, não há nada em comum, senão semelhança acidental, por assim dizer. Contudo, há uma transferência de um âmbito para o outro, assim como há, na teologia, uma transferência de atributos sensíveis para falar de Deus, por meio da metáfora.

Por fim, em *Sobre a potência* q. 3, a. 14, resp., Tomás de Aquino acrescenta um novo aspecto ao possível metafórico: a noção de “potência racional”:

Porém, diz-se na circunstância de algo possível, não segundo alguma potência, ou metaforicamente, assim como nas geometrias se diz que alguma linha é potência racional, ou absolutamente.

Como foi visto, a linha, assim como o número, não tem propriamente uma potência, porém tanto uma quanto outro são abstrações e objetos da inteligência, são inteligíveis, cujo ato procede da inteligência que os apreendeu, abstraiu e conheceu. Desse modo, quando Tomás de Aquino diz “potência racional”, ou está dizendo que a linha e o número são objetos de uma potência racional (a inteligência que pode raciocinar), ou está dizendo que, semelhantemente a uma potência racional, eles são princípios dos quais pode se seguir um de dois efeitos contrários³⁵. Porém, se a linha e o número fossem entendidos como princípios, restaria esclarecer quais são os contrários que se seguiriam deles — o quadrado (resultado da multiplicação) seria um deles ou seria o único?

Há ainda de questionar-se a razão por que Tomás de Aquino apenas utiliza exemplos de potenciação e de radiciação. Outras operações de multiplicação, até mesmo outras operações matemáticas (a soma, a subtração e a divisão), não teriam imagens ou semelhanças com algum termo fora do âmbito da matemática? A metáfora é empregada em todos os juízos de possibilidade na matemática? A imaginação tem algum papel importante no conhecimento ou nas operações matemáticas? Será que na rigidez dos axiomas e na exatidão dos cálculos, sob a superfície de definições claras e de raciocínios necessários, Tomás de Aquino captou a voz melódica vinda das musas de Hesíodo a contar mentiras semelhantes a verdades?

³⁴ Mais informações sobre o vocabulário matemático medieval, ver SMITH, 1953, p. 101–28.

³⁵ Para uma definição de potência racional, Cf. *Comentário à Metafísica IX*, l. 2.

Referências bibliográficas

Edições dos textos de Tomás de Aquino

SANCTI THOMAE AQUINATIS, doctoris angelici, ordinis praedicatorum. *Commentum in quatuor libros Sententiarum magistri Petri Lombardi*. l. 1 e 2, v. 1, t. 6, Parmae. 1856.

_____. *Quaestionis disputatae cum quodlibetis*. v. 1, t. 8. Parmae, 1856.

_____. *Commentaria: Expositionem in XII lib. Metaphysicorum*. v. 3, t. 20. Parmae. 1971.

_____. *Summa theologiae Ia q.1–49 cum commentariis Caietani*. t.4. Opera Omnia iussu Leonis XIII P.M. Edita, 1888.

_____. *Summa contra gentiles, lib.1–2, cum commentariis Ferrariensis*. t.13. Opera Omnia iussu Leonis XIII P.M. Edita, 1918.

Livros e artigos

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. 7 ed. [s.l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. (Clássicos de filosofia).

_____. “Arte poética”. Trad. Jaime Bruna. *In: A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 2014.

DE GRIJS, F. J A. “The Theological Character of Aquinas’ *De aeternitate mundi*”. *In: WISSINK, J. B (Ed.). The eternity of the world in the thought of Thomas Aquinas and his contemporaries*. Leiden: E. J. Brill, 1990, p. 1–8.

DEWAN, L. “St. Thomas and the Possibles”. *New Scholasticism*. n. 53, 1974, p. 76–85.

ELDERS, L. J. “L’analogie dans la philosophie et la théologie selon Saint Thomas d’Aquin” *In: Au coeur de la philosophie de saint Thomas d’Aquin*. Traduit [de l’espagnol] par Véronique Pommeret. Paris: Parole et Silence. 2009. p. 53–75.

KRAYE, J. “The Printing History of Aristotle in the Fifteenth Century; A Bibliographical Approach to Renaissance Philosophy”. *In: Classical Traditions in Renaissance Philosophy*. Reino Unido: Ashgate, 2002. p. 189–211. (Variorum Collected Studies).

KNNUTTILA, S. “Modal logic: Two notions of possible”. c.17. In: KRETZMANN, N. (Org.); Kenny, A; Pinborg, J. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy: From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100–1600*. Cambridge: Cambridge University Press. 1988, p. 342–81.

MONTEIRO, M. H. G. *A realidade dos possíveis segundo Tomás de Aquino*. 2014. 123 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000937519>. Acesso em: 25 maio 2017.

OWENS, J. “Analogy as a Thomistic Approach to Being”. *Medieval Studies*. 24, 1962, p. 303–22.

SELLARS, J. “Aldus Manutius and the Aristotelian Commentators” In: ADAMSON, P.; BALTUSSEN, H.; STONE, M. (Org.). *Philosophy, Science and Exegesis in Greek, Arabic and Latin Commentators. Bulletin of the Institute of Classical Studies*. v. 83, n. 1, 2004, p. 239–68.

SMITH, D. E. *History of Mathematics*. v. 2. New York: Dover Publications, 1953.

SMITH, G. “Avicenna and the Possibles”. *The New Scholasticism*. n. 17, 1943, p. 340–57.

STOLARSKI, G. *La possibilité et l'être: un essai sur la détermination du fondement ontologique de la possibilité dans la pensée de Thomas d'Aquin*. Dokimion, n. 26. Friburgo, Suíça: Éditions Universitaires Fribourg Suisse, 2001.

STORCK, A. “Eternidade, possibilidade e emanção: Guilherme de Auvergne e Tomás de Aquino, leitores de Avicena”. *Analytica*. v. 7, n. 1, 2003, p. 113–50.

VAN VELDHUIJSEN, P. “The Question on the Possibility of an Eternally Created World: Bonaventura and Thomas Aquinas”. In: WISSINK, J. B (Ed.). *The eternity of the world in the thought of Thomas Aquinas and his contemporaries*. Leiden: E. J. Brill, 1990, p. 20–38.

WILKS, I. “Aquinas on the Past Possibility of an Eternally Created World”. *Review of Metaphysics*. v. 48, n. 2, 1994, p. 299–329.

WIPPEL, J. “The Reality of Nonexisting Possibles According to Thomas Aquinas, Henry of Ghent and Godfrey of Fontaines”. *Review of Metaphysics*, n. 33, 1981.